



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6548 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA: UMA VISÃO DE DENTRO DO CURSO PELA ÓTICA DOS ALUNOS

Gabriel Rocha Monteiro - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Francisco de Assis Carvalho de Almada - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão

A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA: UMA VISÃO DE DENTRO DO CURSO PELA ÓTICA DOS ALUNOS

1 INTRODUÇÃO

Desde a sua criação em 1939, concomitante a criação das demais licenciaturas, o Curso de Pedagogia enfrenta sucessivas ondas de desvalorização e até ameaças de extinção. Brzezinski (2010) aponta que desde o final da década de 1970, os educadores brasileiros envolvidos com a discussão da formação dos profissionais para a educação estavam preocupados com a descaracterização e até mesmo extinção do curso. Daí para cá a onda de desprestígio do curso deixou de ser uma questão externa e passou a fazer parte do âmbito interno do curso, sendo aderida até mesmo por pedagogos e estudantes de pedagogia.

Considerando esse contexto, este trabalho^[1] tem como objetivo analisar a importância da pedagogia e do pedagogo, segundo a percepção de alunos do Curso de Pedagogia e as implicações decorrentes dessas percepções. O que nos motivou a sua realização foi a constatação de que há um crescente desprestígio desse curso dentro do ambiente universitário, inclusive, pelos próprios alunos do curso. Essas constatações nos inquietaram e, conseqüentemente, nos motivaram a investigar como a pedagogia e a formação do pedagogo vêm sendo pensadas pelos estudantes. Especialmente nos motivaram a analisar os elementos ideológicos que entram em ação na desvalorização do pedagogo no interior de três Instituições de Ensino Superior (IES), públicas e privadas que ofertam o Curso de Pedagogia.

Entendemos que essa desvalorização, em parte, é consequência da desvalorização do professor e da própria docência no âmbito da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino

Fundamental, visto que estes profissionais são formados, hoje, em sua maioria, através do Curso de Pedagogia. Somando-se a essa situação vemos que as atuais políticas educacionais, em sintonia com a ideologia neoliberal, têm acenado para ofertas desse curso de forma bastante duvidosa, dando a entender que ela pode ser ofertada sem a observação dos critérios de qualidade, colaborando, com isso, para um nítido rebaixamento da qualidade da preparação teórica/prática dos docentes, acarretando, com isso, inúmeras limitações à formação humana. Isso é preocupante porque o professor, nesses níveis de ensino, precisa se apropriar de conhecimentos que lhe permitam conhecer as regularidades do desenvolvimento psíquico da criança, a dinâmica do seu ambiente social e as possibilidades de realização de sua atividade pedagógica para conduzir a criança a níveis cada vez mais elevados de consciência e desenvolvimento.

O professor não é um facilitador no sentido de possibilitar a criança a um nível de desenvolvimento que aconteceria, naturalmente, independentemente da aprendizagem. Do ponto de vista da teoria histórico-cultural, a tarefa do educador é garantir a reprodução [2], em cada criança, das aptidões humanas que são produzidas pelo conjunto dos homens e que, sem a transmissão da cultura, não aconteceria (MELLO, 2004, p. 141).

Isso significa que ele não poderá desempenhar satisfatoriamente o seu papel se não for capaz de fazer a mediação que garanta a reprodução das aptidões humanas depositada nos objetos da cultura.

A pesquisa de campo foi realizada em três IES. O planejamento inicial havia previsto a inclusão de quatro instituições que ofertam o Curso de Pedagogia na nossa cidade. Mas, no decorrer da primeira etapa da pesquisa a coordenação do curso de uma das instituições desistiu, ficando a pesquisa delimitada apenas a três instituições, sendo duas da rede pública – estadual e federal - e uma da iniciativa privada.

Optamos por selecionar alunos que estivessem cursando os últimos períodos do curso, considerando que o tempo de vivência deles durante o período de estudos foi maior, e, potencialmente, eles teriam acumulado mais informações. Assim, a pesquisa foi realizada em duas turmas de alunos do 8º período e uma do 7º período.

Para a coleta de dados utilizamos um questionário com perguntas abertas. Um instrumento que, segundo Gil (2006), tem a intenção de levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas e outros. A opção por esse instrumento foi em função de poder abranger um maior número de pessoas acerca do objeto de estudo. O documento contendo o questionário foi distribuído a todos os alunos das turmas, perfazendo um total de 56 anos. Mas recebemos de volta somente 30 documentos devidamente preenchido com todos os dados. Aqueles que vieram incompletos foram descartados.

2 A PEDAGOGIA NO CONTEXTO DAS ATUAIS POLÍTICAS ECONÔMICAS

A pedagogia hoje, segundo Ghiraldelli Jr (2006), vai além da definição etimológica que designava o acompanhamento e a vigilância do jovem e ganha três configurações: a francesa, na linha da sociologia de Émile Durkheim (1858-1917), e as tradições alemã e americana, segundo as filosofias e psicologias de Johann Friedrich Herbart (1776-1841) e John Dewey (1859-1952). Como teoria e prática da educação, investiga a

realidade educacional, sempre em transformação, para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão e assimilação de conhecimentos e modos de ação (LIBÂNEO, 2004 e 2006). Ela busca o entendimento dos problemas educativos e, para isso, recorre aos aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação, como a Filosofia da Educação, a Sociologia da Educação, a Psicologia da Educação e outras. Porém, no atual momento, além dos mercados econômicos, globalizam-se também as relações sociais, os processos e as estruturas que configuram as dinâmicas das empresas e demais corporações, inclusive as escolas. Nesse contexto, a formação do professor não ficou imune e, no momento, está subordinada ao mercado.

Vários estudiosos têm denunciado as consequências dessas políticas para educação pública. Para Gentili (2002) elas têm promovido a desigualdade social, racial e sexual, reproduzindo os privilégios da minoria que detém o poder econômico e político. Além disso, fomentam o individualismo e a competição, quebrando os laços de solidariedade coletiva e intensificando o processo antidemocrático, de seleção natural onde os melhores triunfam e os mais frágeis sucumbem. No mesmo sentido, Duarte (2008) afirma que esse processo parte, por um lado, da necessidade de habilitar o trabalhador para que ele adquira as competências exigidas pelo processo produtivo e, por outro, da necessidade de impedir que ele domine os conhecimentos em níveis que dificultem sua exploração. Facci (2004) aponta que no campo educacional essas políticas acabam por se reverberar na forma como se tem conduzido a formação dos professores, a estruturação de suas carreiras, e, num espaço mais particular, a própria forma de conduzir a interação com os alunos e a comunidade escolar.

Para tanto, induzem os sistemas educativos a centrarem suas reformas no currículo, na formação dos professores, na gestão educacional e na avaliação institucional. Esses pontos estão inter-relacionados uma vez que “[...] a política educacional orienta-se pela política curricular, que necessita de professores para ser viabilizada, em sua estrutura organizacional adequadamente regulada e gerida, com o suporte da avaliação institucional” (LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, 2007, p. 35). Como se percebe, é uma interferência direta na área administrativa e pedagógica da escola. Na parte administrativa, introduziram a figura do gestor escolar que, com a mesma habilitação, pode atuar tanto na administração quanto na coordenação da escola. Para tanto, justificam que para ser um bom administrador escolar esse profissional teria que entender da parte pedagógica e para ser um bom coordenador teria que entender da parte administrativa. Na verdade, passaram a exigir do gestor um maior envolvimento nos aspectos administrativos e pedagógicos da escola. Na prática, no interior da escola um único profissional que, sozinho, vem atuando nesses dois campos – administração e coordenação – como medida de contenção de despesas.

3 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

O momento histórico que estamos vivendo nos instiga a conhecer o que os estudantes de pedagogia pensam do curso. Nesse sentido, distribuímos um questionário com cinco perguntas abertas a 56 alunos, representando 100% dos acadêmicos matriculados nos últimos e penúltimos semestres de cada curso pesquisado[3]. Destes, recebemos apenas 30 formulários preenchidos[4]. Não geramos gráficos e nem tabelas em função de as respostas dadas pelos alunos, em cada pergunta, após categorizadas, resumiram-se a três variáveis, fato esse que não dificulta o entendimento do leitor mesmo sem gráficos ou tabelas.

Inicialmente indagamos se a primeira opção do processo seletivo para entrada no curso foi para o curso de pedagogia. Somente nove alunos, representando 30%, afirmaram

que sim. Os demais, vinte e um, representando 70%, colocaram a pedagogia como segunda opção. Entendemos que quantidade que optou pelo curso foi muito baixa considerando que a escolha de uma profissão é um passo muito importante na vida de uma pessoa. Um fator muito importante é que muitos contaram com o apoio e até pressão por parte da família para se matricularem mesmo não sendo essa a opção principal. Esse apoio, segundo eles, veio do fato de suas famílias acharem que no magistério nunca falta oportunidade de trabalho e emprego. Arroyo (2000), ao analisar a relação entre a escolha do magistério e as condições socioeconômicas e políticas das famílias, constata que a maioria das pessoas que opta pelo magistério traz traços marcantes das condições sociais de onde se originam: “A condição de vida está presente nas escolhas ou condiciona nossas escolhas. Não escolhemos a que queremos, mas a possível” (ARROYO, 2000, p. 126). Nessa perspectiva, o trabalho docente, como trabalho não-material, como define Saviani (2008), é determinado pelas relações e condições sócio-políticas e econômicas que se estabelecem na sociedade.

Também indagamos se mudariam de curso caso tivessem oportunidade. Somente dois alunos informaram que pretendem fazer uma nova graduação, mas primeiro irão concluir o curso de pedagogia. Afinal, já estão em fase de conclusão do mesmo. Isso pode ser um indício de identificação com o curso, mas não podemos afirmar isso categoricamente, pois, segundo Lukács (1979) o homem, como ser social, cria mecanismos, estabelece mediações, escolhe, entre as opções postas, a que melhor condiz com o resultado esperado. Nesse contexto, está contido um processo que o autor denomina *reflexo da realidade na consciência*, que é a síntese dialética entre a realidade objetiva e o sujeito. Por outro lado, para Leontiev (2004) o conceito de sentido é uma relação que se cria na vida, na atividade do sujeito. Assim sendo, o sentido da profissão se constituiu, para os alunos, no próprio processo, nas dinâmicas do ensinar e aprender envolvendo motivações que criaram identidades.

Quando indagamos sobre o que é ser pedagogo, as respostas foram bastante ingênuas: “*É saber ensinar*”, “*É ensinar aquilo que aprendi da forma como gostaria de ter aprendido*”, “*Todos os profissionais passam pelas mãos do professor*”. Mas o que prevaleceu, mesmo, 53%, foi à visão de que o magistério é uma espécie de sacerdócio e *amor* à profissão. Fato esse bastante incoerente considerando que 70% dos que responderam ao questionário afirmaram que a pedagogia não foi primeira opção de curso.

Indagados sobre como reagem diante do desprestígio que as pessoas demonstram em relação ao curso de pedagogia, seis alunos, representando 20%, responderam que reagem naturalmente. Vinte um, representando 70%, informaram que não se sentem bem diante da situação e três estudantes, representando 10%, disseram que não informam que estão cursando pedagogia. Um resultado que retrata muito bem o reflexo da consciência burguesa. Para Ianni (1985, p. 44) “[...] na consciência burguesa, a maior parte dos problemas tende a ser equacionada a partir do princípio da mercantilização geral das relações, pessoas e coisas”. Nesse sentido, qualquer profissão que não esteja associada à alta rentabilidade e, de forma imediata, é vista como não importante. Não importando se isso traz satisfação ao profissional que a exerce tal profissão.

Ao invés de indagarmos sobre a representação que eles têm do Curso de Pedagogia, preferimos indagar se eles sabem o que faz o pedagogo. Nesse sentido, somente nove alunos, representando 30%, informaram que sabiam. Quatro deles, representando 13,3%, disseram que preferiam não informar. Os demais, dezessete, representando 56,7%, informaram que não sabiam. A pergunta seguinte foi sobre o que faz um pedagogo. Aí a resposta foi bastante contraditória porque todos, até mesmo os que afirmaram que sabem, continuam presos a ideia de que a pedagogia é para aprender e utilizar de técnicas de ensino, considerando que o principal campo de trabalho ainda são as escolas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Quanto ao campo de atuação, de fato, são essas escolas,

mas mesmo para atuação nesses níveis de escolaridade, há a necessidade de um aprofundamento teórico sobre as finalidades da educação e uma análise objetiva de suas condições de existência e de funcionamento (MIALARET, 1991, *apud* LIBÂNEO, 2012). A pedagogia está em relação direta com a prática educativa que constitui seu campo de reflexão e análise, sem, todavia, confundir-se com ela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas leituras feitas em autores como Libâneo (2006) e Ghiraldelli Jr. (2006) a pedagogia, desde sua institucionalização como uma área de conhecimento eminentemente voltada para a educação, tanto em suas atividades de ensino como de pesquisa, tem buscado em diferentes áreas de conhecimento suas bases teórico-práticas para compreender e solucionar os problemas educacionais. No entanto, o próprio termo *pedagogia* tem uma multiplicidade de significados, apesar de a maioria deles convergirem para defini-la como o conjunto das reflexões sobre as finalidades da educação e uma análise objetiva de suas condições de existência e de funcionamento, algumas dessas reflexões ainda se põem numa atitude de prescrição de métodos e técnicas de ensino.

Entendemos que por mais que a gente tenha avançado em termos de aprofundamento teórico. O pedagogo ainda é visto apenas como o professor de crianças e dele é exigido capacidades habilidades para fazer cartazes. No máximo, com liderança para cobrar dos professores a elaboração dos planos de ensino no interior das escolas de Educação Básica. A própria Resolução CNE/CP N° 1 de 15 de maio de 2006 (BRASIL, 2006), que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em pedagogia, na modalidade licenciatura, induz a isso. Em todo o corpo dessa Resolução a pedagogia está reduzida à docência. E onde o pedagogo exerce a docência? Basicamente, na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que para os anos finais e para o Ensino Médio o docente é formado em outras licenciaturas.

A representação que os discentes têm da pedagogia não passa pelo entendimento de que a questão pedagógica diz respeito às formas pelas quais práticas sociais formam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos.

As implicações decorrentes dessas representações no processo de formação inicial de professores e na constituição da identidade da Pedagogia, nos cursos investigados, podem levar a uma secundarização dos conteúdos e, com isso, formar um profissional sem condições de realizar a mediação de seus alunos com os objetos do conhecimento. Ou seja, introduzir os alunos no mundo da ciência, da linguagem, para desenvolverem seus pensamentos, suas habilidades, suas atitudes.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Resolução n° 01/2006. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Brasília-DF: MEC/CNE, 2006.

BRZEZINSZI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento**. Campinas: Papyrus, 2010.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Campinas: Autores Associados, 2008.

FACI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor:** um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

GENTILI, Pablo. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval e SANFELICE, José Luís (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação.** Campinas, Autores Associados, 2002. p. 45-61.

GHIRALDELLI JR. Paulo. **O que é pedagogia.** 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

IANNI, Otávio. **Dialética e capitalismo.** Petrópolis: Vozes, 1985.

LEONTIEV, Alexis. N. **O desenvolvimento do psiquismo.** São Paulo: Centauro, 2004.

LIBÂNEO José Carlos. Identidade da Pedagogia e Identidade do Pedagogo. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; CORDEIRO, Ana Paula; MILANEZ, Simone Ghedini Costa (org.). **Formação da pedagoga e do pedagogo:** pressupostos e perspectivas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 11-34.

LIBÂNEO, José C. Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 843-876, out. 2006.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira. de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Pulo: Editora Cortez, 2004.

LUKÁCS, George. **Ontologia do ser social:** os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MELLO, Suely Amaral. A escola de Vygotsky. In: CARRARA, Kester. **Introdução à psicologia da educação:** seis abordagens. Campinas: Avercamp, 2004. p. 135-155.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-Crítica:** primeiras aproximações. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia. Pedagogo. Objeto de estudo da pedagogia.

[1] Este trabalho é resultante de parte de um projeto de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão e realizado no período de agosto de 2018 a julho de 2019.

[2] **Nota explicativa da autora citada:** “Reprodução não tem aqui o sentido negativo que lhe atribuem os críticos da escola como reprodutivista. Com esse termo nos referimos ao fato de que cada novo ser humano precisa se apropriar das qualidades humanas que foram criadas pelos homens ao longo da história humana. Esse não é um processo de invenção de novas qualidades, mas de reprodução das já existentes e a partir das quais se faz possível a criação de novas”.

[3] Das três IES onde realizamos a pesquisa em duas delas haviam alunos matriculados no 8º período do curso. Em uma delas optamos por alunos do sétimo período em função de não haver alunos matriculados no oitavo período.

[4] Por ser um questionário sem identificação do sujeito, e também pelo fato de esse não ser o nosso objetivo nesta pesquisa, não sabemos o percentual de homens e mulheres que participaram.